

Para o Estudo da Dinâmica da Fala em uma Capital do Nordeste Brasileiro

FLORIVAL SERAINE

1. Se por língua entendemos o "saber lingüístico", o conhecimento que possuímos de um código de símbolos, então devemos admitir — como bem acentuara J.P. Rona — que "este conhecimento não se limita a saber como é o significante e o significado e como se relaciona com outros significantes e outros significados, mas também em que circunstâncias de fala, ou circunstâncias sócio-lingüísticas, podemos empregá-lo" (1).

Aquilo que se denomina de "rótulo de aplicabilidade" ou "rotulação sócio-lingüística" em certas circunstâncias de fala, deve merecer, no estudo dos elementos da língua, tanto interesse científico quanto o valor das estruturas paradigmáticas e sintagmáticas, e suas associações de forma e conteúdo, mediante que aludidos elementos se encontram depositados em nossa mente (2).

É o que pretendemos enfatizar ao desenvolver o trabalho ora apresentado, o qual se enquadra em mais de um dos "temas de sócio-lingüística", discriminados por Dell Hymes, especialmente quando considera a fala como atividade culturalmente padronizada (não mera "implementation of grammar"), as linguagens como resultado do seu próprio uso e não como simples dado da natureza humana, e, por fim, os fundamentos teóricos e metodológicos da investigação, atinentes a problemas funcionais, "not just of structures" (3).

É possível, contudo, que nossas perspectivas de estudo se ajustem àquele tipo de "lingüística realizada socialmente", em que se reconhece a análise do significado e dos atos da fala como dependente do contexto social" ou, mais precisamente, dos contextos social e cultural (4).

Além disso, se de acordo com Halliday, podemos identificar duas facetas principais do significado "social": a **interpessoal** e a **textual** — não há como negar que a primeira, interessada no "contexto não lingüístico (os participantes no ato de fala e sua interação nesta realização) "motiva nossas considerações atuais talvez mais do que as vinculadas ao contexto lingüístico propriamente dito (5).

2. Trataremos de alguns fatos de "fala" que nos pareceram merecer a atenção dos estudiosos das interações sociais em sua relação com os fenômenos lingüísticos.

Aludidos fatos são "intradiassistemáticos" e como indicam dois registros que possuem diferentes conotações de aplicabilidade coexistindo na mesma sociedade, cremos poder evocar aqui, quando nada pela aproximação significativa, o conceito de **diglossia**, no sentido hoje corrente, bem definido, aliás, por Ferguson e Bright, quando estudam o problema das variantes de uma mesma língua em diferentes condições (6).

Conhecemos apenas uma situação, geradora de contextos de fala, em que, na norma regional cearense, tanto culta como inculta, ocorre-quanto ao significado do termo **bonito** — divergência total da "norma acadêmica" ou "preceptiva". É quando o mesmo se refere ao **tempo** (atmosférico). Em todas as outras situações o adjetivo citado corresponde, em conteúdo semântico, à "norma nacional" e à "norma pan-portuguesa ou preceptiva", segundo as definições registadas nos Dicionários acadêmicos de Portugal e do Brasil.

Antes de tratarmos o problema de um ângulo, que consideramos propriamente sócio-lingüístico, cumpre-nos ilustrar o tema, tomando para exemplo o seguinte fato, que de há muito vimos observando — diante da atmosfera escurecida por nuvens pluviosas, do tempo ameaçador de chuva, dizem os sertanejos cearenses, de modo geral: "o tempo está **bonito** hoje!". A oração pode apresentar-se ligeiramente modificada em sua construção, assim, por exemplo: "Que tempo **bonito**, compadre!" ou então: "Olhe o tempo como está **bonito!**" etc., etc.

"A manhã tava **bonita**, toda inuviada" (da literatura folclórica). Por que eles assim se expressam, de modo inverso aos cidadãos legítimos, habitantes em meios como Belém, Rio de Janeiro, Pôrto Alegre, etc, etc, que, em geral, usam o termo aludido para se referir ao tempo claro, quando há limpidez no céu, dia pleno de sol, cheio de luminosidade?

As emoções que, de hábito, são registadas, à emissão da frase aludida, no homem daquelas cidades e no do interior cearense, são aproximadas, pois, de modo geral, revelam contentamento ou esperança prazenteira, podendo verificar-se, contudo, matizes diversos quanto à intonação, ao ritmo, aos elementos musicais da oração, marcados pelo grau ou acento "afetivo" que a impregnam.

Há alguns anos, influenciado por Charles Bally (7), e dando ênfase, antes do mais, ao estudo psicológico da relatividade dos juízos de valor que se acham na base do fato lingüístico, escrevíamos a respeito: "... resultam aludidas emoções de atuações psico-

lógicas diversas. Com relação ao primeiro tipo individual (de Belém, Rio de Janeiro, etc.), decorrem comumente da verificação de que, sem o estorvo de um aguaceiro ou de impertinente garoa, poderá transitar facilmente pela **urbs** — funcionário, comerciante, obreiro, estudante, simples **touriste** ou passeante — um indivíduo, em suma, cujos meios de subsistência não parecem depender de condições atmosféricas, a não ser de forma esporádica. (Isso não impede, todavia, que alguém possa realmente formular um juízo de valor estético, em atitude vivencial desinteressada). Já no sertanejo, em que decerto são mais veementes e essenciais as revelações afetivas, tudo se acha ligado a promessas que um céu escurecido por nuvens chuvosas encerra, de feliz êxito para a sua lavoura e a sua pecuária, sem as quais não poderá resistir ou quando nada sofrerá vivamente. "O tempo está **bonito** hoje" dito por um sertanejo cearense, ante o céu invadido por nuvens escuras, denuncia todo um estado de alma coletivo, toda a ânsia de uma comunidade para que as chuvas decidem do próprio destino, da própria conservação vital". E concluíamos então: "Na escolha do termo **bonito** para exprimir a condição do tempo em determinado instante, ocorre, sem dúvida, uma **valoração**, alicerçada em vivência que se realiza originária — e autenticamente no sentimento, como anota Messer, e que é, por certo, de utilidade ou econômica"... (8) Entretanto, cabe-nos lembrar que, apesar da atenção emprestada às lições do mestre suíço e de breves incursões, a propósito, pelos domínios da filosofia axiológica, aliás, por alguns mal compreendidas — não esquecemos de considerar: "O **relativismo** diz respeito ao conhecimento dos valores e ocorre em função de certos interesses, ou vivências utilitárias que no caso, divergem em comunidades ou grupos humanos sob a atuação de meios físicos diferentes. Deve-se, por certo, levar em conta para a compreensão do grau, da intensidade e do matiz da vivência, registada em elementos de ambas as coletividades, certos traços psico-sociais dos indivíduos, ligados particularmente ao seu gênero de vida. É opinião assente entre os sociólogos que os habitantes do campo se acham mais sujeitos à ação das forças cósmicas e fisiográficas, desses fatores naturais que constituem o **meio físico** ou **inorgânico** do que os cidadãos.

Bem assim, tem sido observado que entre as secções urbana e rural da sociedade uma das diferenças fundamentais parece ser a de ocupação ou de profissão. Não deve passar despercebida também, a propósito, a heterogeneidade existente na composição econômica, social, cultural, da cidade, comparada com a relativa homogeneidade do campo, fato que não escapou ao registo de um Sorokin, entre outros. Seria, pois, conveniente examinar sociologicamente os

grupos humanos, que se acham integrados em plena cultura de **folk** ou pertencem a outros planos no **gradient** cultural, que vão até o extremo do meio urbano, civilizado". Em outro passo, aduzíamos: "estamos diante de" fatos da fala" ou procedimentos expressivos com todos os indícios da atividade criadora, procedimentos que, não obstante, poderão tornar-se mais ou menos inconscientes, ficar com o uso parcialmente automatizados, denunciando-se apenas pela ressonância emotiva que acompanha os signos. Em verdade, se ainda existem pessoas que "vivam" integralmente os processos elaborativos da frase que aqui estudamos, por certo outras, que a proferem do mesmo modo, em comunidades idênticas, não tomam mais aquele profundo e íntimo contacto com a realidade vital. Entre os indivíduos, as crianças e a juventude especialmente, que ainda não se acham presas, em tantos casos, àqueles interesses apontados, há também os que reproduzem por automatismo imitativo, aquilo que se acostumaram a ouvir, desde o berço, dos circunstantes. Trata-se, evidentemente, de linguagem que já vai sendo transmitida de gerações a gerações". "Ainda se observam, entre nós, curiosos aspectos do tema e esses se acham ligados a um problema de natureza sociológica, qual seja o das crescentes migrações do homem do sertão para o litoral, dos habitantes do interior para as capitais.

Levam eles consigo, certamente, hábitos, costumes, tendências espirituais, que lhe são próprias, para os novos ambientes onde se fixaram. De modo que aí poderão introduzir, através da ampliação e da persistência dos contactos culturais, hábitos expressivos seus, da sua contingência vital. De outro lado, com o apagamento ou a diminuição das distâncias e do isolamento cultural, atualmente, mediante o enorme incremento das várias modalidades do transporte humano, as influências também se poderão fazer sentir no tocante à modificação de hábitos expressivos, pois é inegável o prestígio psicológico dos meios mais adiantados. Os estudos sociológicos do **isolamento** e do **contacto** em seus diferentes aspectos são, pois, de evidente importância no caso. Ainda se podem indicar aspectos mais minuciosos e particularizados do tema, a exemplo do registo do fato expressivo, peculiar ao sertanejo cearense, na Capital do Estado, zona litorânea, entre indivíduos que não exercem profissão de agricultor, nem de criador, mas por via indireta se acham ligados aos mesmos interesses e apetências daqueles homens do interior. Numa região como o Ceará a ausência ou a promessa de chuvas repercute em toda parte, mesmo na Capital, onde o comércio e a alimentação do povo sofrem a influência das condições mesológicas que — como se sabe — são frequentemente ingratas para a vida do povo nordestino" (9).

Escrevíamos isto em 1954, há precisamente 20 anos.

Pouca coisa teríamos hoje que acrescentar a essas observações de ordem sociológica e antropogeográfica, que serão indispensáveis à compreensão do fenômeno lingüístico em apreço, o qual ocorre numa região do Nordeste brasileiro pertencente ao chamado "polígono das secas". Aliás, frise-se de passagem que estas calamidades periódicas, com todo o seu cortejo de sofrimentos e misérias, são objeto da preocupação coletiva, de modo que uma literatura já se constituiu em volta do tema, incluindo apreciados ficcionistas e homens de ciência.

Em aditamento, referimos que, através de duas interessantes obras sobre a "história das secas", chegamos a saber que elas vêm sendo registradas pelos cronistas desde os primeiros tempos da Colonização, dizimaram as populações cearenses em alguns anos trágicos do período colonial, do Império e da República, estendendo os seus malefícios até à nossa época. Bem assim, que aludidos fenômenos já atormentavam os silvícolas regionais antes do século XVI (10).

O impacto psicológico das secas é tão intenso e agudo, que nem mesmo as inundações e enchentes fluviais provocadas por chuvas copiosas, em alguns anos de inverno como o atual, causadoras de prejuízos econômicos e vitais, talvez maiores que os ocasionados pelas secas, chegaram até hoje a modificar a "rotulação de aplicabilidade" do termo **bonito** em relação ao tempo atmosférico, na mente dos sertanejos cearenses. Mas a dinâmica da linguagem em face do correlato processo sócio-cultural deve merecer a atenção dos estudiosos, sempre interessados em buscar maior precisão e exatidão científicos nas suas comprovações lingüísticas.

Nossas investigações, a respeito, só poderão começar por Fortaleza, a Capital do Estado, onde residimos, e onde se poderá encontrar aquele nível sócio-cultural a que se considerará a **elite** urbana, assim como, certo grau de heterogeneidade sócio-cultural, não obstante seja quase nula a influência do elemento estrangeiro.

Observe-se, antes do mais, que Fortaleza possui uma sociedade alicerçada sobre núcleos rurais e que, ainda hoje, é constituída de famílias inúmeras procedentes do interior do Estado, as quais por vezes, chegam a dominar a sua vida econômica e social. Os grupos sociais, advindos de zonas rurais, em início de adaptação à vida urbana, começam, não raro, instalando-se na periferia da Capital, na zona suburbana, e assim — como já referimos — prolongam os seus contactos sócio-culturais com a vida do campo, trazendo para a cidade elementos da cultura e da língua de **folk**.

"A principal diferença entre a cultura e a sociedade **folk** e a **élite** urbana deve estabelecer-se em termos de coexistência de duas subculturas, que diferem fundamentalmente em muitos aspectos, inclusive no mais importante da cultura ideal ou valores a realizar no trabalho cultural do grupo" — adverte-nos o antropólogo e lingüísta argentino German F. Guizzetti (11).

Dispensamo-nos da investigação no interior do Estado, pois — ao que temos podido observar — permanece aí a "rotulação de aplicabilidade" do termo em análise, na mente tanto de cultos como de incultos; tanto na de habitantes de cidades com população até de 50 a 80 mil habitantes, como na de serviçais de fazendas ou humildes lavradores distanciados dos meios urbanos. Ajustam-se, pois, no caso, aquelas considerações de R. Redfield acerca da sociedade e da cultura camponesas: "trata-se de uma classe de ordenação da humanidade que apresenta similaridades em todo mundo, razão pela qual define a sociedade citada como tipo". E a aplicação dos conceitos desse autor sobre o **folk** e o urbano, tanto à linguagem como à cultura, merecem já atenção de lingüístas como Garvin e outros (12).

Mas, em relação a Fortaleza, cabe perfeitamente investigação sobre o que em Antropologia Cultural se convencionou denominar "complexo rural-urbano" — **a rur-urban society**, de Talcott Parsons, que tem recebido, nestes últimos tempos, as atenções de sociólogos e antropólogos, preocupados com a formulação teórica sobre dados empíricos, obtidos na investigação minuciosa de níveis sócio-culturais intermediários" (13).

Cremos que o problema deverá afetar intrinsecamente o estudo lingüístico, máxime quando o nosso foco de interesse localiza-se em cidade com as características sócio-econômicas e culturais de Fortaleza. Cumpre-nos, em resumo, verificar se, com o decorrer dos anos, o crescimento demográfico da cidade, que hoje possui ares de metrópole, com cerca de 1 milhão de habitantes — aliás, não só o desenvolvimento demográfico, mas principalmente o industrial, urbanístico e cultural da cidade — outra "rotulação sócio-lingüística" de **bonito** já não se impõe à mente de indivíduos entregues ao exercício de profissões que nenhuma relação apresentam, real ou ideal (de valores), com a vida do campo. Especialmente, pessoas das gerações mais recentes, filhos de pais citadinos, que nasceram no meio urbano e nele vivem de acordo com as suas exigências ocupacionais e o seu grau de civilização e cultura.

Sem dúvida, faz-se mister aqui a quantificação, o uso de critérios estatísticos, no exercício de investigação sistemática a ser

praticada sobre amostras características de setores sociais selecionados adequadamente. Na **urbs** provinciana, que já se vai tornando metrópole (mas ainda conserva muitos traços sócio-culturais da sua vida anterior) poderemos surpreender, de modo mais seguro pela quantificação, se a "marca da ruralidade" — parâmetro essencial — ainda se conserva integral ou, pelo menos, dominante, ou já vai sendo substituída, prevalecendo na "norma local" e coincidência com a "norma preceptiva", em relação ao conteúdo semântico do elemento da língua citado, na aludida circunstância de fala. Usando métodos apropriados de quantificação, poderemos descobrir se outros valores ou interesses imediatos já sobrepõem, na mente dos cidadãos, os valores ou interesses de raiz ambiental ou telúrica, que no homem do campo continuam a ser predominantes em toda esta subárea do Nordeste brasileiro e, de modo geral, na população de média idade e mais velha dos centros urbanos. Se os interesses imediatos se sobrepõem, na elaboração semântica, à linguagem tradicional, construída direta, imediatamente, pelo homem de ascendência rural, ou aprendida, adquirida pelo cidadão sem raízes no campo, quer reais, quer ideais. Se na **elite** urbana, nos setores constituídos de pessoas dotadas de cultura superior e viajadas por cidades com diverso horizonte econômico e cultural, onde, a respeito, a norma sócio-lingüística local coincide com a "norma acadêmica", já se vai registrando atualmente o predomínio desta.

Então os critérios estatísticos ou a quantificação poderão ser efetuados em vista aos seguintes tipos de pesquisa: a) ocorrência da "linguagem transmitida", a que traz a "marca da ruralidade", aprendida no ambiente familiar e social; b) outra "rotulação sócio-lingüística" na mente dos falantes, observando-se no "fato de fala" coincidência semântica com a "norma acadêmica"; c) vacilação no uso dos dois tipos, podendo ocorrer em certos indivíduos o aparecimento dos dois registros semânticos nas mesmas "circunstâncias de fala", porém, em ocasiões diferentes.

Compreende-se a importância desse estudo estatístico, porque, a respeito, poderemos vislumbrar a predominância, ou não, dos interesses ou valores cidadãos, de ordem imediata; em que grau e em que setores da comunidade esse predomínio poderá ocorrer, diante da crescente urbanização e o início da grande industrialização de Fortaleza. O impacto psicológico dos valores e interesses imediatos da vida cidadina, atualmente, em que setores coletivos prevalecerá, gerando um "rótulo de aplicabilidade" para o termo **bonito**, diferente, diga-se mesmo, oposto semânticamente ao tradicional, que traz a "marca da ruralidade"?

Não será demais fixar que essa "marca" transparece no uso do adjetivo citado com conteúdo semântico antagônico ao do que prescreve a "norma acadêmica", causando estranheza no "decodificador" que não a possua no seu registro semântico de **bonito**.

É evidente que, na escolha dos elementos humanos para o estudo estatístico, não importará fundamentalmente o critério distintivo culto/inculto, dado que a aludida codificação semântica de **bonito** poderá ser registada tanto entre pessoas instruídas como analfabetas, na cidade e no campo.

Parece-nos que será do melhor alvitre tomar como exigência básica da investigação o afastamento completo dos contatos ou relações, quer reais, quer ideais, com o ambiente interiorano, por parte dos indivíduos pertencentes à sociedade de Fortaleza, que deverão ser selecionados. Portanto, o trabalho deverá iniciar-se — como há pouco se insinuou — com aqueles que são filhos de naturais desta cidade, nascidos e criados no ambiente urbano, sem convívio familiar ou social prolongados, na infância e/ou posteriormente, com indivíduos pertencentes à sociedade e à cultura de **folk**.

O critério etário talvez seja mais relevante, no caso, que o de ordem propriamente diastrática.

Poderemos, nesse sentido, reservar indiferentemente elementos humanos tanto das classes proletárias ou proletaróides, como da classe média e dos estratos superiores socialmente. Jovens operários, estudantes dos vários níveis, comerciários, funcionários públicos, etc., poderão ser submetidos ao exame do lingüista, que atuará das seguintes maneiras: a) ou ele provoca e registra a reação psico-lingüística dos indivíduos em face do **tempo** (atmosférico); b) ou indaga do informante como esse qualifica o **tempo** escurecido por nuvens chuvosas ou, ao contrário, luminoso e claro. Espera-se que esse **approach** inicial, em que se procurarão usar amostras, adequadamente selecionadas, com grandes possibilidades de que sejam representativas do universo a investigar, já nos traga indícios, a respeito, de uma correlação entre a crescente urbanização e industrialização de Fortaleza e outra codificação semântica de **bonito** na aludida circunstância de fala, a qual envolverá juízo de valor sem quaisquer conotações de ruralidade. É evidente que objetivamos aqui exercer a pesquisa no tocante a um tipo de linguagem que, **stricto sensu**, não poderá ser rotulada de **linguagem aprendida**, **transmitida**, senão de **linguagem construída**, produzida com fundamento na realidade vital, presente. Do mesmo tipo, aliás,, da que revelará o sertanejo com a sua peculiar vivência da natureza, do ambiente físico, embora os "contextos de situação" não coincidam perfeitamente. Esse tipo de linguagem será, contu-

do, diferente da **transmitida**, aprendida, que poderá ser observada no citadino, que se acha desligado dos valores rurais, e usa, no caso, linguagem automatizada, quase ou já sem ressonância afetiva.

Além dessa orientação da pesquisa a ser posta em quantificação, poderemos empregar outro critério na escolha da amostragem, centralizando agora o nosso interesse na **élite** urbana, nos setores sociais constituídos de pessoas dotadas de cultura superior e/ou viajadas demoradamente por cidades com diverso horizonte econômico e cultural, onde, a respeito, a "norma sócio-lingüística" local coincide com a "norma preceptiva". Setores constituídos de pessoas que conhecem os preceitos acadêmicos no tocante ao uso do **significante bonito**; conhecem a "norma acadêmica" e/ou "normas cultas locais" que com ela coincidem. Aqui já não se tratará de linguagem cuja aprendizagem inconsciente ocorre no ambiente familiar e social desde a infância. Buscar-se-á registrar também esse novo tipo de linguagem que é produto de nova aprendizagem, mas esta sucedida conscientemente — trata-se de "linguagem adquirida" — segundo os velhos termos de Bally (14).

Ao falarmos de **élite** urbana ou de níveis sócio-culturais superiores, no Ceará, particularmente na Capital do Estado, parece-nos indispensável lembrar que nem sempre a posição social elevada, decorrente em maior grau da situação econômica, coincide com elevado nível de instrução ou educação intelectual. O êxodo rural e a mobilidade social no sentido vertical são fatores que, sem dúvida, influenciam poderosamente em sugestivos aspectos culturais da sociedade cearense. De modo que não é excepcional encontrarmos em Fortaleza pessoas de nível social acima do médio, graças a um rápido enriquecimento econômico, que se não acham desligadas das manifestações epistêmicas peculiares a níveis pré-científicos, pois não receberam instrução intelectual nem educação adequadas e conservam padrões culturais **folk**, especialmente no âmbito espiritual. Não é a essas pessoas, decerto, que nos referimos quando, há pouco, focamos níveis culturais superiores. A quantificação — segundo já indicamos — poderá levar-nos a um conhecimento mais preciso da "dinâmica da língua" e cremos que os critérios estatísticos básicos, aqui formulados **grosso modo**, sejam realmente proveitosos. Não nos aventuramos a maiores considerações nesse campo; nada adiantaremos, nem mesmo sobre os métodos e as condições de validade da amostragem, que ficarão sob a responsabilidade de especialistas, os quais, em busca de mais rigorosa qualificação para o trabalho científico, poderão chegar às técnicas algorítmicas do computador. Antes de finalizar, supomos interessarem as observações efetuadas, a respeito do tema, dentro do círculo fa-

miliar do próprio autor. Este, tendo nascido em outra área lingüística e cultural brasileira — a área amazônica — onde não se registam “secas” e, ao contrário, chove frequentemente, transferiu-se com os seus pais para Fortaleza aos quatro anos de idade. Sua genitora, era filha da mesma área geográfica, lingüística e cultural. E seu pai aí vivera longos anos, embora houvesse nascido em outro Estado, vizinho ao Ceará (Piauí). Até a idade de 14 anos o autor residiu em Fortaleza, quando viajou para o Sul do País, só regressando ao Ceará 7 anos depois. Viveu no interior do Estado e em Estados vizinhos, no exercício da profissão médica, cêrca de 4 anos, fixando residência, por fim, em Fortaleza, desde 1935. Casou-se com pessoa natural do interior do Ceará, ainda ligada idealmente ao ambiente rural, e que usa a codificação semântica de **bonito** em relação ao **tempo** (atmosférico) com a “marca da ruralidade”. O mesmo ocorre com os dois filhos do casal, nascidos em Fortaleza, ambos estudantes de nível secundário. Entretanto, o autor diverge dos mesmos, só empregando o termo aludido com o significado oposto, não obstante haja perdido as características mais notadas do seu falar original — o paraense — bastante diferenciável do cearense. Deve-se notar, contudo, que jamais nos afetou direta ou indiretamente o problema das “secas”, em virtude de nossa esfera de ação existencial achar-se presa exclusivamente a interesses concentrados na vida citadina.

De qualquer sorte, julgamos necessário focar ainda o tema do ângulo do significante, da “codificação” e da “decodificação” fonológicas da mensagem formulada, isto é, do morfema citado. A pronúncia do termo, tanto no nível culto como no inculto, em todo o Ceará, é **bonitu**, em que se observa nasalização por contiguidade da vogal pretônica, peculiar ao falar regional. Em outras áreas deverá ser a pronúncia mais usual **bunitu**, ou mesmo, **bônitu**. Só excepcionalmente ouvir-se-á **bònitú** ou **bònito**. O autor costuma pronunciar **bunítu**. Vêem-se, pois — segundo a observação de Rona — diferenças de forma com identidade de valor sócio-lingüístico e identidade de forma com diferenças de valor. Cabe, destarte, pensar em incluir na investigação o estudo da relação significado/significante. E, quando possível também que se não desprezassem, a respeito, anotações **paralingüísticas** ou mesmo **cinésicas** (15).

O que pensamos estar a merecer aqui o objeto de nossa investigação são, decerto, os signos completos e as realidades extralingüísticas designadas, aquilo a que E. Coseriu classifica de “relações de designação”, distinguindo-as das onomasiológicas, semasiológicas e propriamente lexemáticas, que ele considera como se

ocupando exclusivamente das relações entre significados lexicais de uma única e mesma língua funcional (16).

Acreditamos que, procedendo daquela forma em nossa investigação, poderemos captar com menos imprecisão a categoria e o valor científico das influências de vária ordem que se exercem sobre os atos simbólicos da comunicação mediante a linguagem.

Ao finalizar, diremos que o critério behaviorista no estudo desses "fatos" ou "atos lingüísticos", não satisfará plenamente, em razão da importância dos juízos de valor que devem ser procurados na raiz da sua elaboração psicológica. Deve merecer atenção, sem dúvida alguma, a relatividade dos juízos de valor em determinadas circunstâncias de fala, encarada tanto diatópica —, como diastraticamente. Conforme acentuara C. Bally — aludidos juízos são teleológicos e, em certa medida, afetivos, repousando sobre "sentimentos fundamentais de prazer ou desprazer, que com a ajuda da reflexão criam as noções mais raciocinadas do útil e do nocivo, do bem e do mal" (17).

Essa relatividade parece-nos interessar à problemática científica, tanto como a concernente ao domínio puramente sócio-lingüístico, a qual é também de importância, mas que não poderá ser compreendida ou explicada, sem o perfeito esclarecimento daquela. E a função autêntica da ciência — como se sabe — não consiste apenas em registrar e descrever, mas, sobretudo, em interpretar, em buscar a explicação dos fenômenos.

Além disso, devem despertar interesse capital não só o estudo da "motivação" da aprendizagem lingüística, mas — de acordo com J. B. Carroll — "o processo da aprendizagem em si e de como o indivíduo cria novas respostas" (18).

Enquanto o estudo dos sistemas das línguas em abstrato constitui o campo da Lingüística propriamente dita, o estudo de como o povo usa e aprende a usar um sistema lingüístico "será do domínio da Psico-Lingüística — esclarece o conhecido autor de "Language and Thought".

* * *

Na norma urbana, norma local de Fortaleza, poderão, certamente ser captados numa investigação conduzida por quem conheça solidamente os falares regionais, sinais outros dessa "marca de ruralidade", em setores do estudo dialetológico, além do semântico ou toxicológico.

Por enquanto, estamos capacitados ainda a citar três locuções — "ir no mato", que corresponde a ir defecar; "jogar no mato" — atirar fora; e "mandar a roupa pro rio", equivalente a mandar la-

var a roupa, as quais circulam em Fortaleza na linguagem familiar e coloquial espontânea, embora em menor escala do que antigamente. Caberia aqui a quantificação, o uso de critérios estatísticos adequados.

Ocupamo-nos com extensão do fato semântico de **bonito** por que nos pareceu conotar problemas de mais alta expressão sócio-cultural em relação com a comunidade de fala cearense, ou mesmo nordestina.

Nos casos de "ir no mato" e "mandar a roupa pró rio" o campo de investigação atualmente deverá restringir-se aos níveis inculto e semiculto onde ainda "sobrevivem".

A urbanização e a industrialização progressivas da Capital do Estado não justificam desde longe, o uso das expressões mencionadas, no nível culto, urbano, onde só poderão surgir esporadicamente, na linguagem descuidada ou informal, ou em estilo irônico ou jocosos. Quanto à outra locução poderá surgir entre os cultos, especialmente, no colóquio familiar. Contudo, iremos, páginas adiante, observar, através de alguns fatos de empréstimos intradiassistemáticos — de uma camada inferior à superior na ordenação diastrática — a influência mais profunda, no plano ideal, de valores emanados da mentalidade **folk**

* * *

Já alguém observou que a investigação detalhada das relações entre níveis de norma, em lugar da mera constatação de diferenças de forma, exercida com exclusividade, "deveria ser das mais importantes tarefas da investigação sócio-lingüística e sócio-dialetológica, capaz de nos oferecer melhor visão da dinâmica da linguagem" (19).

Trazemos à baila alguns casos do falar cearense, notadamente de Fortaleza, Capital do Estado, situado na área nordestina do Brasil.

A forma **lavadeira** (mulher que lava roupa) pertence à norma culta local. Coincide com as **normas cultas, regional e nacional**, bem assim, com a norma acadêmica ou **pan-portuguesa**, portanto com as normas **sócio-lingüísticas**, segundo a concepção de Rona — isso, porém, na escrita, como grafema. Porque na fala corrente a pronúncia local e regional é **lavadêra**, discordante, pois, fônicamente, tanto da que prescreve a **norma acadêmica** ou **preceptiva**, como das normas cultas locais de Belém, Porto Alegre e outras cidades brasileiras, pertencentes à áreas lingüísticas diferentes, onde se poderá registrar na norma culta **lavadêyra**. A norma culta cearense deveria, pois, ser julgada inculta ou não ser considerada norma

correta ou sócio lingüística, em relação àquelas normas locais ou regionais aludidas, devido à redução geral do ditongo êy a ê. Apesar disso, **lavadêra** está na norma culta local e cremos que de toda a região nordestina. A outra pronúncia, caso surja entre falantes cearenses, não trás o cunho da espontaneidade, da linguagem aprendida, transmitida desde a infância e poderá causar estranheza entre os decodificadores locais essa mensagem emitida em linguagem que lhes parecerá artificial, adquirida.

A norma inculta local prescreve o uso da forma **lavãdêra** com nasalação do "a" pretônico, que só irônica ou burlescamente, por evocar a procedência inculta, poderá ser usada em Fortaleza pelas pessoas cultas, com o significado de mulher que lava roupa.

Entretanto, verifica-se uma situação única (como no caso de **bonito**), em que a forma pertencente à norma inculta, **o vulgarismo citado**, costuma ocorrer na norma culta local. É quando o termo se refere à ave **lavandeira** — pequeno pássaro da família dos Tiranídeos, que abunda em Fortaleza e é respeitado pelo povo, porque em torno dele circula a lenda de que foram elas (**as lavadeiras**), que **lavaram** a roupa de Nossa Senhora, durante a fuga da Sagrada Família para o Egito. Léxicos de autores brasileiros e até portugueses registam a forma **lavandeira** para a ave aludida (**Arundinicola leucocephala** Lin), o nome composto **lavandeira-de-Nossa Senhora** também para a dita ave e, mesmo, a forma aludida como correta, sinônimo de **lavadeira** (mulher que lava roupa), derivada do verbo **lavar**, o que não coincide com a norma culta local.

Se o significante **lavandeira** (mulher que lava roupa) veio diretamente de Portugal não prevaleceu na norma culta regional, que preferiu **lavadeira**, no Ceará, por influência talvez da "norma preceptiva", que a indicou provavelmente na escola. O certo é que pessoas cultas em um nível não familiar, discursando ou se expressando com cuidado ante o público, isto é, quando desejam "falar bem", "falar certo" ou "falar corretamente", poderão usar aqui e ali (ou talvez a usem sempre) a forma **lavadeira**, de referência à ave. Vê-se, pois, que a "norma sócio-lingüística", o rótulo sintomático de superioridade, — como diz Rona — é aplicado aí, a esse elemento da linguagem, refletindo um juízo de valor, levando consigo uma conotação sintomática de correção (20). Dispensamo-nos de quaisquer observações de caráter etimológico relativas a essas formas derivadas do verbo **lavar** (latim **lavare**), por julgá-las improfícuas ao nosso trabalho, que se realiza, em especial, na funcionalidade sincrônica.

(Continuará na REVISTA de 1975)